

# O tesouro perdido

Enquanto 1% da população chilena detém 26,5% da renda nacional, 50% sobrevivem com apenas 2,1%, segundo a Cepal

28/11/2020 - 01:00

‘Só faltava uma faísca, qualquer faísca, para explodir tudo’, estimou o historiador Gabriel Salazar. A faísca veio na forma de um aumento das passagens do metrô, consideradas entre as mais caras do mundo. Os estudantes resolveram não aceitá-lo e pularam as catracas sem nada pagar. Aconteceu em 18 de outubro de 2019, estação Los Héroes, Santiago do Chile.

O presidente Sebastian Piñera alarmou-se: “Estamos em guerra contra um inimigo poderoso que não respeita nada e ninguém”. Desatou-se a repressão e... tudo explodiu. Grandes passeatas, pannelsos, saques de lojas e supermercados, incêndios e depredação de estações de metrô e prédios públicos. A ira popular em ação.

Uma semana depois, realizou-se a maior manifestação pública da história do Chile: 1,25 milhão de pessoas nas ruas da capital. Ao mesmo tempo, outras grandes passeatas em Concepción, Valparaíso e até em pequenas e médias cidades como Rancagua, Coquimbo, La Serena. E mais greves nos portos e barricadas nas estradas. Algumas semanas depois, em 12 de novembro, 2 milhões de trabalhadores em greve.

Por que tanta insatisfação? Tania Vallejo, mulher comum numa das passeatas, deu uma pista: “Não estamos protestando apenas contra o aumento do metrô, essa foi a gota d’água. Estamos ofendidos há tempos. Pisaram-nos por muitos e muitos anos, e nunca se fez nada. Agora, a coisa entrou em colapso”.

Estudos da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, a Cepal, informam: enquanto 1% da população detém 26,5% da renda nacional, 50% sobrevivem com apenas 2,1%. Os reajustes dos salários não acompanham o aumento dos preços dos serviços de luz, água, saúde, educação, transportes, comunicações, todos privatizados e cada vez mais caros. Para pagar as contas, as famílias recorrem a um endividamento crescente. No momento, 75% dos ganhos familiares vão para pagar dívidas. Em pior situação encontram-se os que dependem da Previdência Social, também privatizada. Em 2018, 50% dos pensionistas tiveram direito a uma pensão de menos da metade de um salário mínimo.

Daniel Matamala, jornalista, põe o dedo na ferida: “O governo só tem dois discursos —planilhas Excel e porrada. Enquanto isso, a política permanece cega, surda e muda”. E cada vez mais desacreditada: pesquisas registraram que o Congresso Nacional e os partidos políticos detêm a confiança de apenas 3% e 2% das pessoas respectivamente.